

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

GESSYLIA MOURA ALVES

**PANDEMIA E PRÁTICA DOCENTE: as dificuldades enfrentadas por
professores durante o ensino remoto emergencial**

Maceió-AL

2022

GESSYLIA MOURA ALVES

PANDEMIA E PRÁTICA DOCENTE: as dificuldades enfrentadas por professores
durante o ensino remoto emergencial

Artigo Científico apresentado ao Colegiado
do Curso de Pedagogia do Centro de Educação
da Universidade Federal de Alagoas como
requisito parcial para obtenção da nota final do
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Dr. Jorge Eduardo de
Oliveira

Maceió-AL

2022

Gessylia Moura Alves

PANDEMIA E PRÁTICA DOCENTE: as dificuldades enfrentadas por professores durante o ensino remoto emergencial.

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 24/08/2022.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Eduardo de Oliveira (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora



Prof. Dr. Jorge Eduardo de Oliveira (CEDU/UFAL)



Prof. Dr. Cezar Nonato Bezerra Candeias (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Marina Rebeca Saraiva (CEDU/UFAL)

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo compreender os desafios enfrentados por professores e professoras do ensino Básico em escolas da cidade de Natal-RN no processo de ensino e aprendizagem no período de implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) durante a pandemia da Covid-19. A abordagem da pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo. baseou-se primeiramente em um levantamento bibliográfico acerca das categorias: estratégias de ensino; dificuldades encontradas; usos de Tecnologia de Informação e Comunicação (TDIC's), em plataformas acadêmicas tais como, *Scielo* e *Google Acadêmico*. No segundo momento realizou-se uma coleta de dados primários acerca da prática docente durante a pandemia, para tanto foi elaborado um questionário virtual, com perguntas abertas e fechadas, encaminhada para professores e professoras que atuam em sua maioria na rede pública de ensino do município de Natal-RN e estavam matriculados no Centro Estadual de Capacitação de Professores no decorrer da pesquisa. Na terceira etapa, realizou-se as análises e discussões dos dados coletados com base nas leituras realizadas ao longo da realização deste trabalho. Como resultados percebeu-se que o cenário da pandemia exigiu dos docentes uma maior adequação de suas práticas e estratégias de ensino, como também possibilitou conhecer os desafios que ainda precisam ser superados na área educacional, a exemplo o uso de tecnologias na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Prática Pedagógica. Ensino Remoto. *Covid-19*.

1 - INTRODUÇÃO

A pandemia do novo Coronavírus, iniciada em março de 2020, trouxe diversos prejuízos à sociedade não só brasileira, mas também mundial. Os impactos estenderam-se pelas mais diversas esferas: econômica, social, educacional. Nesta última, em especial, estima-se que mais de 60 milhões de docentes e 1,3 bilhões de alunos, em todo o mundo, foram afetados pelo fechamento de escolas e universidades, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020)

Como alternativa ao Ensino Presencial – suspenso devido às medidas de isolamento social adotadas para conter a disseminação do coronavírus – muitos países optaram pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE) ou Ensino Continuado Emergencial, que nada mais é do que “uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas” (BEHAR, 2020, s.p).

Nesse período, diversos foram os desafios enfrentados pelo corpo docente das instituições de ensino, dentre eles a ausência de retorno dos alunos quanto às tarefas propostas, a dificuldade em conciliar atividades profissionais e domésticas, bem como a necessidade de rápida adaptação ao uso de novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e de metodologias ativas (LARA; PACINI, 2020).

Muitas foram as inquietações que me despertaram a cerca dessa nova modalidade de ensino que era imposta pelo Ministério da Educação (MEC). Pude acompanhar de perto algumas problemáticas que permeavam o dia a dia uma amiga professora universitária de uma instituição privada que ministrava aulas na modalidade EAD semipresencial ministrando a disciplina de Libras no curso de Pedagogia, como por exemplo o excesso de cobrança por parte da instituição, devido ao aumento da evasão escolar seja este por problemas socioeconômicos desencadeados pela pandemia e principalmente pela falta de recursos tecnológicos e familiaridade com as TDICs por parte de alunos e também de professores.

Outro fator que corroborou com a escolha do tema foi a pressão social para o retorno às atividades escolares. Muitos pais utilizaram-se de redes sociais como *Instagram* e *Whatsapp*, que no contexto pandêmico propiciaram uma rapidez imediatista de informações, para difundir áudios e vídeos exigindo uma alternativa para a volta às aulas. A exigência era o retorno das atividades e rotina escolar para seus filhos, mesmo não existindo ferramentas eficazes de contenção do vírus, e nem uma organização por

parte dos órgãos de regulamentação do ensino seja no âmbito federal, estadual ou municipal para implementação do que vinha a ser uma nova modalidade de ensino, o ERE. Esses pais culpabilizavam os professores e professoras pela não retorno às atividades presenciais em muitos dos casos acusando-os de preguiçosos.

A partir da implementação do ERE me deparei com meus sobrinhos de 5, 7 e 8 anos, estudantes de escola privada, tendo que absorver conteúdo via vídeos gravados e enviados por Whatsapp em determinado momento, aulas on-line para dúvidas ou mais conteúdo e procurava analisar esses materiais antes de repassá-los aos meus sobrinhos, mas não poderia intervir nas aulas online e me deparei em muitas vezes com docentes tentando conter a dispersão dos estudantes e repetindo mais que o normal determinado conteúdo.

Ouvi também discursos de outros colegas docentes relatando a dificuldade de familiarização e acesso aos recursos tecnológicos, materiais didáticos digitais bem como o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e o mais agravante a falta de apoio das escolas para esse novo modelo de ensinar.

Assim, partindo da hipótese que muitos professores e professoras não tiveram tempo hábil para se ajustar as novas demandas do ERE, este trabalho baseia-se na seguinte problemática: **Quais foram os desafios da prática docente do ensino básico no ERE?**

Pensando nessas novas condições de ensino impostas pela pandemia, o presente trabalho tem como objetivo compreender a adequação das práticas pedagógicas - por parte de professores e professoras que atuam no Ensino Básico público e estavam durante a pesquisa, matriculados no Centro Estadual de Capacitação de Professores no município de Natal, estado do Rio Grande do Norte (RN) - no processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia da Covid-19. Para tanto, o estudo apoia-se nos seguintes objetivos específicos: 1) descrever as consequências e transformações no processo de ensino e aprendizagem decorrentes da pandemia do novo Coronavírus por professores e professoras do ensino básico de Natal-RN; 2) identificar as metodologias de ensino e as estratégias empregadas pelos(as) docentes no ERE.

A fundamentação teórica sustenta-se em autores como Saviani & Galvão (2020) e base bibliográfica em autores como Kenski (2013), Santos (2020) e Cordeiro (2020). Quanto ao aspecto metodológico adotou-se a aplicação de questionários encaminhados pelo aplicativo *Whatsapp* direcionados à professores de instituições de Ensino Básico, públicas e privadas, do município de Natal/RN, a fim de levantar a percepção destes acerca da experiência no sistema remoto de ensino. A coleta de dados foi realizada por

meio de questionários *on-line* com perguntas abertas e fechadas, considerando as restrições de isolamento social ocasionadas pela pandemia do COVID-19, utilizando o programa *Microsoft Forms*, as informações obtidas foram tabuladas por meio de planilhas geradas automaticamente pelo *Microsoft Excel*.

2 - COVID- 19 E EDUCAÇÃO

A COVID-19 ou novo Coronavírus (SARS-CoV-2) surgiu na cidade de Wuhan, na China, em novembro de 2019. Meses depois, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou estado de pandemia dada a disseminação e quantidade de óbitos pelo mundo, principalmente nos chamados grupos de risco: idosos, gestantes, imunodeprimidos e outros (BRASIL, 2020).

De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil (MS), os sintomas do SARS-CoV-2 podem variar de um simples resfriado a uma síndrome gripal, sendo comum: tosse, febre, coriza, dor de garganta, dificuldade para respirar, perda de olfato, alteração do paladar, distúrbios gastrointestinais, cansaço, diminuição do apetite e dispneia (BRASIL, 2020).

Por ser de origem viral, a COVID-19 espalha-se muito rapidamente, já que sua principal, fonte de contágio entre humanos ocorre por meio do contato com pessoas sintomáticas (BRASIL, 2020), esse contágio também acontece pelo contato com objetos ou superfícies contaminadas, tais como: celulares, mesas, talheres, maçanetas etc. (SANTOS JUNIOR; ALMEIDA, 2020).

O estado de pandemia mundial foi instituído em 11 de março de 2020, quando o então diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, anunciou que a epidemia tomara grandes proporções, sendo necessário a adoção de medidas de contenção do avanço da doença, a principal delas: o isolamento social ou estágio de quarentena. Ainda segundo a OMS (2020), os países deveriam implantar ações que envolvessem toda a sociedade, construindo estratégias para prevenir novas infecções, salvar vidas e diminuir os impactos da pandemia.

No Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi detectado em 26 de fevereiro de 2020 e a primeira morte em 17 de março do mesmo ano, seis dias após o pronunciamento do diretor-geral da OMS decretando o estado de pandemia. Conforme o Sanar Saúde (2020), em 24 de março de 2020, já havia casos da Covid-19 nos 26 estados brasileiros.

Seguindo as recomendações da OMS para a reduzir o contágio pelo SARS- CoV- 2, o Ministério da Educação (MEC), em março de 2020, publica a portaria nº 343, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por meios digitais enquanto prevalecesse o período de pandemia. Assim, o MEC resolveu:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p. 39).

Foi nesse contexto de isolamento social que emergiu o denominado Ensino Remoto Emergencial, ou seja, práticas voltadas para o processo de ensino e aprendizagem mediadas por meio de plataformas digitais, em que os docentes lecionam intercalando momentos síncronos (via *Google Meet*¹, *Zoom*², *Microsoft Teams*³, entre outros) e/ou assíncronos (encaminhamento de atividades via *e-mail*, *Whatsapp*⁴, *Google Classroom*⁵).

De acordo com Alves (2020), essa demanda educacional surge principalmente nas escolas e universidades do âmbito particular, onde a perspectiva mercadológica da educação é mais afluída, e as instituições são cobradas por aqueles que conseguem pagar por tal atividade para que o processo de ensino e aprendizagem não seja interrompido. A autora ainda afirma que o ensino público não segue a mesma lógica, pois ele não é visto como uma mercadoria, mas que a população tem o mesmo direito de cobrança já que impostos são pagos ao governo brasileiro.

No Brasil, mais de 80% dos estudantes da Educação Básica ficaram sem frequentar a escola (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 2020), bem como sem plano de ação educacional, sendo este um dos muitos desafios enfrentados pelas comunidades escolares, além da ausência ou baixa relações com as TDIC's por parte dos professores e acesso à tecnologia pelos educandos, mostrando assim, a desigualdade existente no país, não somente no contexto econômico, como também no social e educacional.

Saviani & Galvão (2020) apontam que, para se colocar em prática o ensino remoto, algumas condições primárias deveriam ser disponibilizadas aos docentes e

¹Serviço de comunicação por videoconferência desenvolvido pela Google

²Serviço de comunicação de vídeo desenvolvido pela Zoom Video Communications, Inc.

³Serviço de comunicação de vídeo desenvolvido pela Microsoft.

⁴Aplicativo que oferece serviços de mensagens e chamadas simples, bem como envio de documentos para contatos telefônicos.

⁵Serviço oferecido gratuitamente pela Google para organização e planejamento de aula para escolas.

discentes como por exemplo “o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamentos adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade” e para os autores todos deveriam estar “devidamente familiarizados com as tecnologias e, no caso de docentes, também preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais”. Para que essa emergente modalidade de ensino pudesse vir a funcionar como substituto temporário e como o próprio nome exalta: emergencial.

Apesar disso, percebeu-se que os docentes pesquisados buscaram estratégias de ensino condizentes com a realidade social de seus alunos, já que precisaram reorganizar suas rotinas pessoais e profissionais, saindo da sala de aula presencial para a remota. Aqui, é do interesse deste trabalho compreender como se deu esse processo.

3 - PRÁTICA DOCENTE E ISOLAMENTO SOCIAL

A ERE A Educação à Distância (EAD) é um modalidade de ensino coexistente com o ensino presencial e utilizada em sua grande maioria pelo Educação de Ensino Superior. Para Saviani & Galvão (2020) “a expressão ensino remota passou a ser usada como alternativa à educação a distância”, variavelmente, o ensino remoto emergencial é colocado como uma alternativa e por assim dizer, um “substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita” (Idem).

A expressão ensino remoto passou a ser usada como alternativa à educação a distância (EAD). Isso, porque a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita.

A pandemia do novo Coronavírus, apesar de ainda reverberar em todos os campos da Sociedade, no âmbito educacional pôs luz e trouxe para o debate público discussões que, até então, estavam confinadas à Academia, a saber o uso das tecnologias em sala de aula e a necessidade de se pensar um novo modelo de ensino/aprendizagem para os próximos anos.

Segundo Arruda (2020, p. 272-273):

O Brasil não possui iniciativas no campo de tornar as tecnologias digitais como saberes necessários para uma formação transversal de alunos e alunas, diferente do que foi detectado na maioria dos países pertencentes a OCDE. Em um contexto no qual as tecnologias digitais

tornam-se referências dos setores produtivos, de serviços, de pesquisa e desenvolvimento.

A maneira inesperada com que essas demandas do setor educacional ganharam força, mediante a pandemia, explicitou aos docentes desafios que já existiam, mas que foram potencializados por essa nova realidade. Dificuldades para gerir o tempo, conciliar atividades profissionais e domésticas, adequar aulas e materiais para um modelo diferente do habitual e o consequente aumento da carga de trabalho, a ausência de motivação e preparo dos professores pelas instituições de ensino para o novo cenário precarizaram ainda mais a educação brasileira, principalmente a pública (ANDES, 2020).

Alves (2020) afirma que na pandemia as professoras e professores não se sentiram preparados para assumir as atividades escolares remotas, muitos não apresentavam conhecimento de plataformas digitais, seja devido o nível de preparo para o uso destas ferramentas para uso pedagógico, ou, por limitações tecnológicas para o acesso aos artefatos de cunho sócio-econômica. Fora isso, a readaptação da realidade presencial para a virtual trouxe mudanças para além da linguagem, como também aos modos de se relacionarem.

Não só houve mudanças na forma de dar aula, como também no próprio modo de vida do docente. Espaços antes utilizados para fins domésticos configuraram-se em salas de aula, incorporando o expediente de trabalho à intimidade familiar. Essas modificações não se ativeram somente a vida da professora ou do professor, mas também as relações entre educador e educando, Kenski (2013, p.67), afirma que:

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso.

Outro “porém” ao desafio da prática docente na pandemia consiste no fato de que nem todos os estudantes possuem acesso às tecnologias. Cordeiro (2020, p.6) aduz que “além da utilização de diferentes recursos, muitos professores confrontaram-se com a dificuldade de acesso, por parte de muitas famílias onde não possuíam uma alternativa a não ser um telefone com o aplicativo de mensagens instantâneas”. Nesse sentido, os docentes viam-se cada vez mais tendo que reinventar sua forma de dar aula, flexibilizando tanto o conteúdo de suas componentes curriculares como o modo de avaliar seus alunos.

Professores que tinham pouco ou nenhum contato com tecnologia precisaram começar a planejar aulas mediadas por telas junto a seus coordenadores pedagógicos, ao mesmo tempo em que descobrem sobre o funcionamento de ferramentas tecnológicas. Com aulas online, surgiram novos desafios que não eram comuns nos encontros presenciais como problemas de conexão e engajamento dos alunos à distância (CORDEIRO, 2020, p. 06).

Percebe-se, portanto, que o ensino remoto está intrinsecamente ligado a esses conflitos, em especial para os educadores que atuam nas escolas públicas brasileiras, visto que grande parte da nossa população reside em zonas periféricas dos centros urbanos ou em áreas rurais, faltando-lhes acesso aos recursos tecnológicos mais simples, como celulares com acesso à internet (DIAS; PINTO, 2020).

Como exposto, inúmeros foram os desafios encontrados pelos docentes nos estágios iniciais do ERE. Sendo assim, é pertinente refletir sobre esse processo de adaptação da prática docente e conseqüentemente o processo de ensino e aprendizagem nesse contexto de Educação Remota.

4 - METODOLOGIA

Este trabalho busca compreender a adaptação dos professores e professoras no processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia da Covid-19. Para o alcance dos objetivos a natureza da pesquisa enquadra-se como aplicada, já que pretende gerar conhecimento por meio de aplicações práticas dirigidas à problemas específicos (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O trabalho possui características exploratória e descritiva. Gil (2010) afirma que, as pesquisas exploratórias têm o objetivo de proporcionar uma intimidade com o problema, tornando-a mais explícita ou levando a construção de hipóteses. Já as pesquisas descritivas, como a própria denominação, “têm como objetivo a descrição das características de uma determinada população” (GIL, 2010, p. 27). Nesse sentido, o objetivo de observação deste trabalho, serão os docentes que do Ensino Básico, tanto da rede pública quanto privada, que atuam no período remoto de ensino, devido a pandemia do novo Coronavírus.

Já do ponto de vista da abordagem do problema, a pesquisa enquadra-se como quantitativa e qualitativa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 69), a pesquisa quantitativa “considera tudo que pode ser quantificável, o que significa traduzir em

números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”, diferentemente da pesquisa qualitativa a qual “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Idem, p.70).

Os procedimentos utilizados para a investigação da problemática apresentada foram a pesquisa bibliográfica e questionário virtual. De acordo com Gil (2010, p.29) a pesquisa bibliográfica “é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses”. Nos dias atuais, inclui-se também o levantamento bibliográfico junto aos meios virtuais de informação, que neste trabalho deu-se por meio de buscas em bases de pesquisa como *SciELO* e *Google Acadêmico*, lançando-se as seguintes palavras chaves: **Adaptação, Ensino Remoto, Prática Docente e Pandemia.**

Na coleta de dados primários adotou-se a plataforma *Google Forms* para aplicação do questionário da pesquisa (APÊNDICE). Essa escolha justifica-se pelo cenário de isolamento social, dado que por ser um formulário eletrônico dispensa o contato físico com os respondentes, e pela acessibilidade, já por meio de um simples *link* pode ser facilmente acionado por celular ou computador com acesso à internet. O objetivo dessa coleta de dados é compreender o processo realizado pelos docentes na adaptação ao modelo de Ensino Remoto Emergencial.

Quanto ao público-alvo, a pesquisa foi direcionada à docentes que estão atuam em um Centro Estadual de Capacitação para Professores, situado em Natal, no Rio Grande do Norte. Esse Centro oferece serviços de cursos de capacitação para professores da rede estadual e municipal de ensino, como também alunas e alunos deficientes auditivos e surdos provenientes da rede básica de educação pública, sendo ofertado o serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O Centro foi criado em 2005, por meio do Decreto Estadual nº 18.637, de 04 de novembro de 2005 (LIMA, DOURADO, SILVA; 2019). Sua sede, atualmente, localiza-se em uma região de fácil acesso da cidade, tendo sua estrutura física lotada em um prédio cedido ao Estado pela Associação Rotary. A instituição tem como foco principal o ensino bilíngue de Libras para discentes surdos e deficientes auditivos, bem como a oferta de cursos de formação inicial e continuada de Língua Brasileira de Sinais para professores da rede básica de ensino.

Como o público alvo foco desta pesquisa são professores que atuaram no ensino remoto para tentar compreender as dificuldades enfrentadas nesse período e como eles

estavam participando dos cursos de formação ofertados pela instituição, os respondentes deste trabalho são docentes que atuam tanto nas redes estadual e municipal de ensino. A instituição de ensino escolhida contava com 4 turmas de curso de capacitação, cada uma com capacidade máxima de 15 alunos (sendo eles professores e professoras da rede básica de ensino estadual e municipal). A escolha em participar da pesquisa ficava a critério de cada participante.

Para a delimitação da amostra da população, utilizou-se a calculadora amostral disponibilizada no site da empresa Comento - pesquisas de mercado (<https://comento.com/calculadora-amostal/>). Todas as turmas estavam com sua capacidade máxima atingida, assim, o total de participantes foi o de 60 pessoas, mesmo o questionário sendo enviado para todos, a parcela de respondentes se mostrou confiável, 41 participantes, resultado esse do cálculo com as variáveis de erro amostral de 5%, com nível de confiança de 90%.

O questionário foi endereçado aos professores via grupos de *Whatsapp*, tendo autorização prévia da gestora da unidade escolar, bem como dos professores titulares das turmas. O instrumento de coleta contém 16 (dezesesseis) perguntas, sendo 12 (doze) fechadas e 4 (quatro) abertas conforme mostrado no Apêndice. Os questionamentos realizados buscavam traçar um perfil dos entrevistados e a opinião e vivência destes quanto ao ensino remoto emergencial.

A etapa de análise de dados, baseou-se na Análise de Conteúdo de Bardin (2016) Bardin (2016), no qual sugere três fases para a organização de uma pesquisa:

- 1ª fase: pré-análise, na qual organizou-se os dados da entrevista, fazendo as transcrições e uma pré-seleção de extratos de manifestações representativas que pudessem responder às questões de pesquisa;
- 2ª fase: exploração do material, na qual definiu-se as categorias de análise que pudessem melhor representá-las. As categorias definidas foram estratégias de ensino, dificuldades encontradas, usos de Tecnologia de Informação e Comunicação (TDIC's) como recurso educacional.
- 3ª fase: tratamento dos resultados, inferência e interpretação, onde iniciou-se a análise descritiva dos dados.

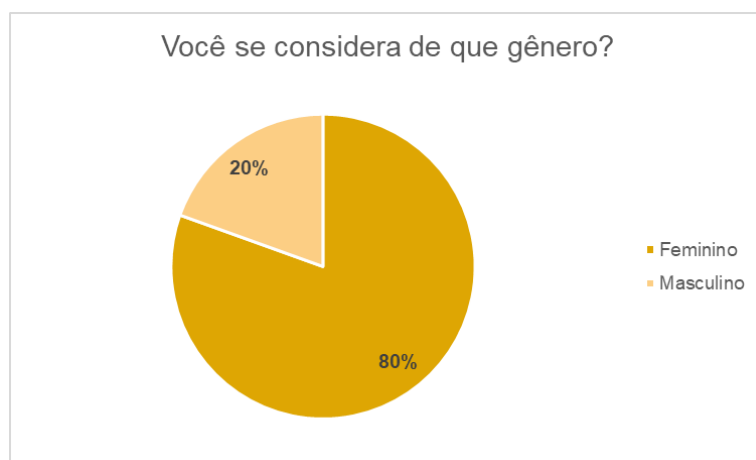
5 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

O instrumento de coleta de dados desta pesquisa foi um questionário contendo 16 (dezesesseis) perguntas abertas e fechadas. Os questionamentos variavam de idade até o

uso de recursos tecnológicos em sua atuação em sala de aula remota. Assim, na primeira parte buscou-se traçar um perfil do profissional, questionando-os sobre o gênero, estado civil, faixa etária, quantidade de filhos e sua vinculação profissional (se ele ou ela era da rede pública ou privada de ensino).

Na segunda parte da coleta, questionou-se sobre a prática docente no período remoto, nessa etapa as perguntas voltaram-se para o processo de ensino e aprendizagem, tais como as estratégias escolhidas para serem utilizadas em aula, as dificuldades enfrentadas, as possibilidades de aprendizagem, a relação docente-educando. E na terceira e última etapa, questionou-se sobre a saúde mental desses professores que atuaram no período remoto e as expectativas com o retorno das aulas presenciais.

Assim, o primeiro questionamento foi sobre o gênero do respondente, em que o mesmo deveria marcar qual opção ele se considerava, “masculino”, “feminino” ou “outro”, nessa última opção, o participante poderia identificar qual outro gênero ele se identificava. Os dados iniciais da pesquisa, mostraram que a grande maioria dos respondentes são do gênero feminino (80%) como mostra a Figura 1.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

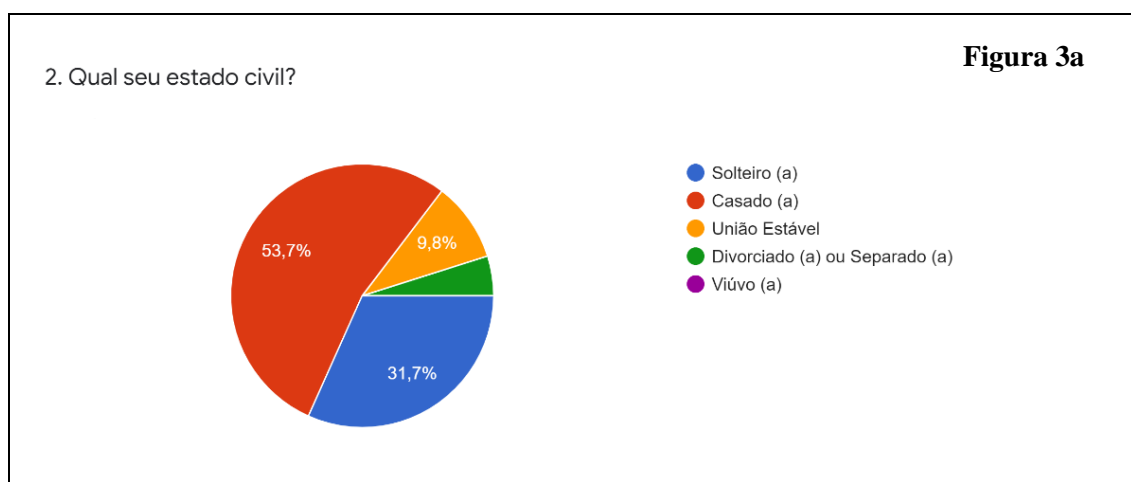
O resultado da pesquisa não é muito diferente do que afirma o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em sua última publicação do Perfil do Educador da Educação Básica Brasileira, de 2018 (BRASIL, 2018), em que aponta a predominância das mulheres em todas as etapas da educação básica do país, como mostra a Figura 2.

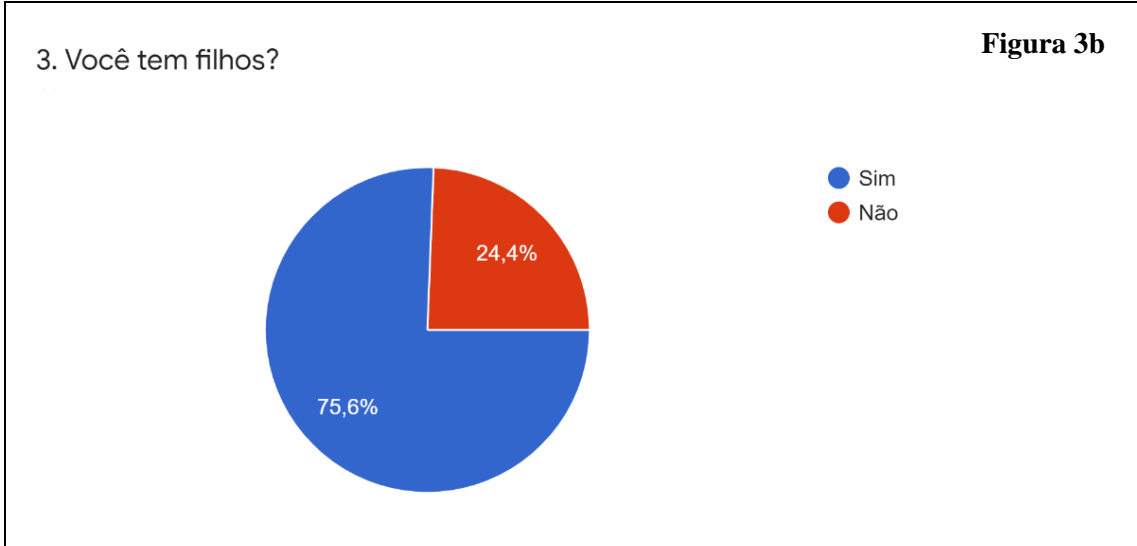
Figura 1 Professores por sexo e etapa de ensino – Brasil – 2009/2013/2017

2009	FEMININO	1.535.919	82,7	365.664	96,8	670.359	90,9	577.652	73,6	295.335	64,2
	MASCULINO	321.359	17,3	11.896	3,2	67.474	9,1	207.557	26,4	164.688	35,8
	TOTAL	1.857.278		377.560		737.833		785.209		460.023	
2013	FEMININO	1.644.717	81,5	463.860	96,9	675.710	90,1	570.673	71,1	312.717	61,6
	MASCULINO	372.354	18,5	14.951	3,1	74.656	9,9	232.229	28,9	194.900	38,4
	TOTAL	2.017.071		478.811		750.366		802.902		507.617	
2017	FEMININO	1.683.772	81,0	538.708	96,6	677.219	88,9	527.146	68,9	303.900	59,6
	MASCULINO	395.138	19,0	18.833	3,4	84.518	11,1	237.585	31,1	205.894	40,4
	TOTAL	2.078.910		557.541		761.737		764.731		509.794	

Fonte: BRASIL, 2018.

Frente a essa realidade, a pesquisa também questiona a situação civil dos respondentes e se os eles têm filhos. Pelos resultados, 53,7% são casados e 75,6% também têm filhos, como mostra a 3a Figura e 3b, podendo assim confirmar que uma parcela das docentes além das demandas de trabalho ainda possui atividades domésticas, tendo assim que conciliar sua vida laboral com a vida de trabalhadora e mãe. De acordo com Silva et.al (2021), o acúmulo de múltiplas tarefas durante o período de pandemia, bem como a junção do ambiente de trabalho ao domiciliar, principalmente para as docentes do sexo feminino, fez com que a atividade docente se tornasse precarizada.

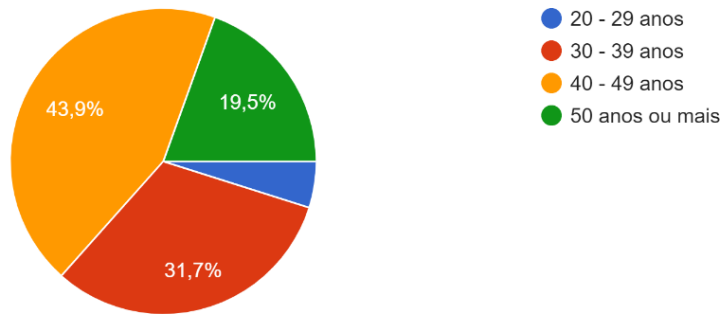




Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Outro fator majoritário que se pode destacar na pesquisa diz respeito à faixa etária dos docentes, em que as maiores porcentagens registram idades entre 40 – 49 anos (43,9%) e 30 – 39 anos (31,7%), conforme Figura 4, ou seja, a grande parcela dos professores está se encaminhando para a fase de senilidade.

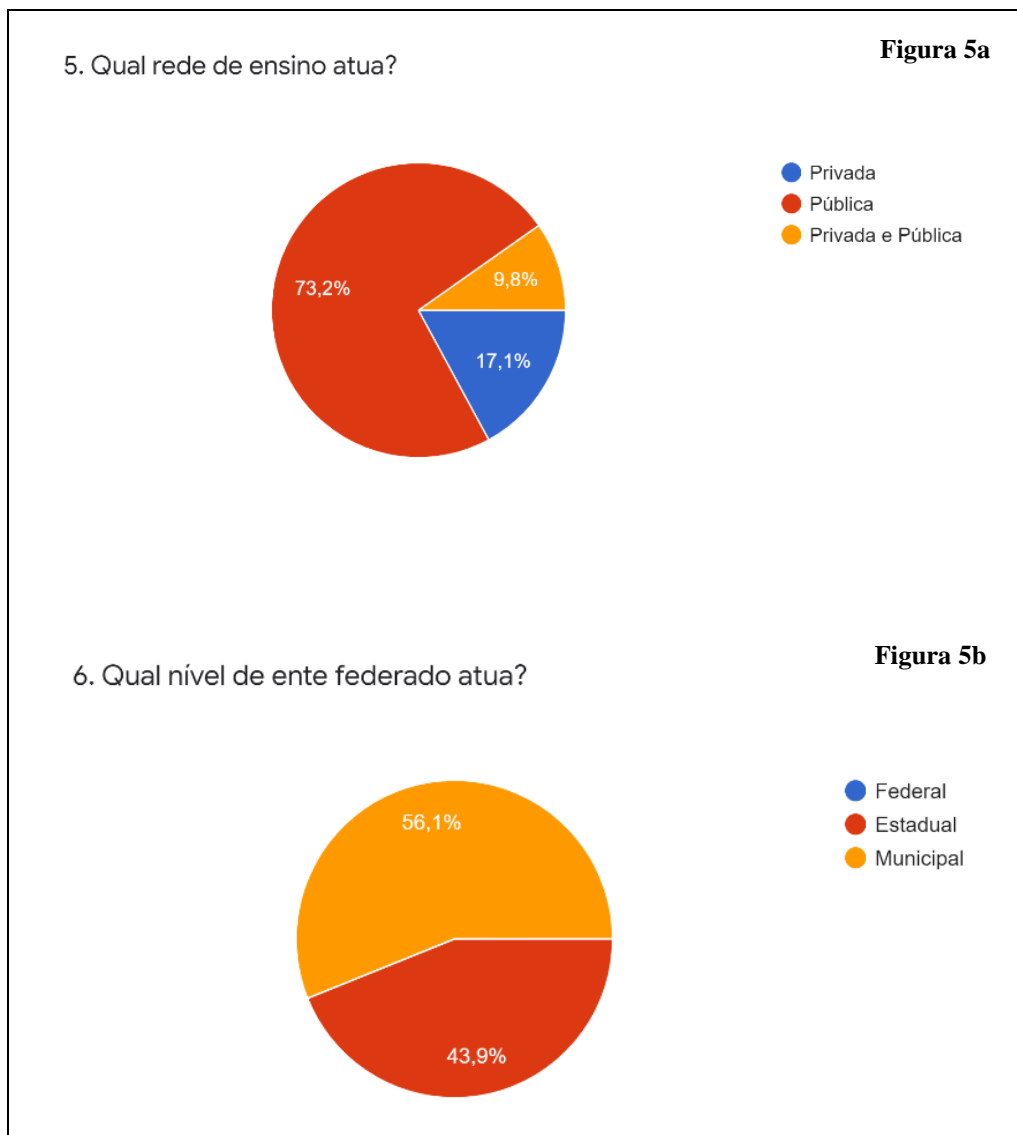
4. Qual sua faixa etária?



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O envelhecimento dos profissionais da educação já foi algo constatado em outros estudos, que demonstram que esse fato se dá devido a baixa oferta de postos de trabalho para os mais jovens – os professores levam muito tempo para se aposentar – como também ao abandono da carreira após certa experiência dos professores mais jovens. Um outro dado que pode explicar o envelhecimento da classe de profissionais é a reforma da previdência, que acabou criando barreiras para a aposentaria precoce dos docentes (POLENA, GOUVEIA; 2013; SOUZA; 2013; INEP; 2009).

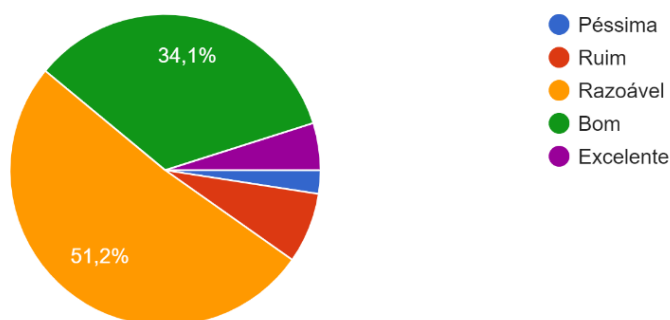
Nas perguntas 5 e 6 do questionário, indagou-se em que rede de ensino e ente federal o participante atuava. 73,2% responderam atuar na rede pública de ensino, com uma pequena diferença quanto ao ente federado, sendo grande parte atuante na rede Municipal, 56,1,9%, seguido da rede estadual, representado por 43,9%, como mostra a figura 5a e 5b.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Traçado o perfil dos participantes da pesquisa – grande maioria mulheres, casadas, com filhos, na faixa dos 40 anos acima, atuantes na rede pública estadual e municipal – questionou-se acerca experiência com o ensino remoto emergencial. Como mostra a Figura 6 a grande maioria afirma que essa experiência foi razoável (51,2%).

7. Como você avalia sua experiência com o ensino remoto?



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Como a pesquisa apresentava perguntas abertas, esse resultado da experiência pode ser explicado dada as dificuldades de adaptação ao ERE pelos professores. Muitos destacaram o baixo retorno dos alunos das atividades propostas, a ausência de familiaridade com as tecnologias e ausência ou escassez de recursos tecnológicos (internet, celular, computador, etc.) como complicadores do ERE. Ressaltou-se também certa carência na relação professor-aluno-família.

Professor 3: A principal dificuldade foi responder as demandas individuais dos alunos, dominar os novos processos para registrar falta, presença e participação e ao mesmo tempo compreender e considerar as limitações técnicas dos alunos nesse período (avaliando com empatia o desempenho de cada um durante o ano letivo).

Professor 7: Interação com os alunos e com os pais.

Professor 8: Dificuldades fis alunos as aulas, falta de material para o professor, um curso para a nova realidade

Professor 28: Adaptação às ferramentas

Professor 39: Internet oscilando o tempo todo, financeiro (tive que mudar o plano da net, compra celular que comportasse mais app) adaptação as novas tecnologias e compreensão da família que naquele horário é de trabalho; um espaço adequado dentro de casa para realização destas aulas.

De acordo com Santos, Oliveira e Soares (2021), além dos fatores acima mencionados, a adaptação e a flexibilidade ao novo formato de ensino, o uso de novas ferramentas, a insegurança por parte de alguns docentes quanto a uso das tecnologias e as

dificuldades enfrentadas pelos estudantes contribuem para o sentimento de razoabilidade com a experiência durante o ERE.

Os participantes da pesquisa também foram questionados quanto as possibilidades de aprendizagem surgidas com a modalidade de Ensino Remoto Emergencial. Notou-se que a busca pelo uso de novas tecnologias para o processo de ensino e aprendizagem ganhou ênfase nesse período. Além disso, alguns docentes relataram também uma postura mais empática da escola, dos outros colegas professores e dos estudantes e seus responsáveis.

Professor 2: Aprender mais sobre ead, metodologias ativas, uso de app e programas.

Professor 6: Muitas possibilidades, tivemos que nos reinventar, utilizar novos modos de avaliar, compreender também que nem todos possuíam condições de acesso e com isso ser mais empática nas relações educacionais. Também tivemos que aprender a ser mais criativos já que tínhamos que "prender" a atenção do aluno.

Professor 20: Tivemos que nos reinventar. O que antes achávamos inviável tivemos que viabilizar para melhor mediar a aprendizagem dos alunos

Professor 23: Aquisição de conhecimentos sobre as tecnologias; A importância do apoio familiar.

Professor 25: Tolerância, respeito, fraternidade.

Peranbel e Carvalho (2021) afirmam que, o período da pandemia fez com que os docentes reinventassem o seu fazer profissional, seja a partir das atividades produzidas com e para os alunos até a experiência vivida durante esse processo. De acordo com as autoras e refletindo-se sobre o papel do docente no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, Tardiff (2002, p.16) afirma que, “o magistério merece ser descrito e interpretado em função das condições, condicionantes e recursos que determinam e circunscrevem a ação cotidiana dos profissionais”. Assim, muitos professores viram-se preocupados com a execução e administração de seu papel a fim de manter ativos todos os seus educandos, quando do contexto de isolamento social.

Essa reformulação na maneira de ensinar, avaliar e dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem não poderia acontecer caso não houvesse mudanças nas estratégias metodológicas. Logo, questionou-se aos pesquisados, “quais atividades e materiais conseguiram ser trabalhados a distância?” e se a foi disponibilizado material impresso para os alunos da rede em que atuam.

Professor 2: Estudo dirigido, áudios de whatsapp e vídeo no YouTube
Professor 6: Grupos de Whatsapp, a própria plataforma disponibilizada pela instituição (Microsoft Teams), utilizou-se muitos aplicativos de interação, mas como o modelo da instituição era bem engessado, as atividades mais importantes (avaliações) seguiram o modelo tradicional, sendo que realizadas remotamente via formulários feitos ou pelo Google ou pela Microsoft

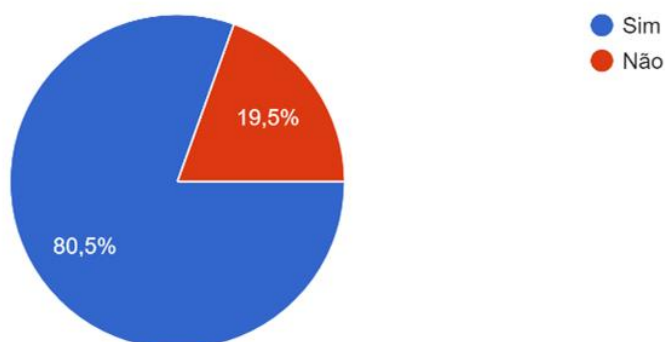
Professor 20: Utilizados muitos videos, músicas e textos curtos pra não ficar cansativo

Professor 25: Envio de atividades impressas. E em alguns casos o grupo de whatsapp.

Professor 39: Fiz e faço bastante vídeos, atividades impressas para e fazermos a entrega cada 15 dias. Ressalto que por trabalhar com educação infantil, só enviamos 4 atividades impressa e somos orientados dar 3 dias de aula e 1 hora por dia; mas ficamos o dia quase todo e a semana inteira, a maioria dos responsáveis trabalham o dia todo e alguns semana inteira e só conseguem passar o retorno das atividades no final de semana.

A grande maioria dos entrevistados disse utilizar aplicativos como o *Whatsapp*, para encaminhamento de atividades e mensagens de áudio, o *Youtube*, para compartilhamento de vídeos educacionais, e plataformas de aulas virtuais tais como as aquelas oferecidas pelo *Google For Education*⁶. Quanto ao envio de materiais impressos 80,5% dos participantes afirmaram disponibilizar esse recurso, conforme indicado na figura 7.

13. Foi disponibilizado entrega de materiais impressos aos alunos da rede de ensino em que atua?

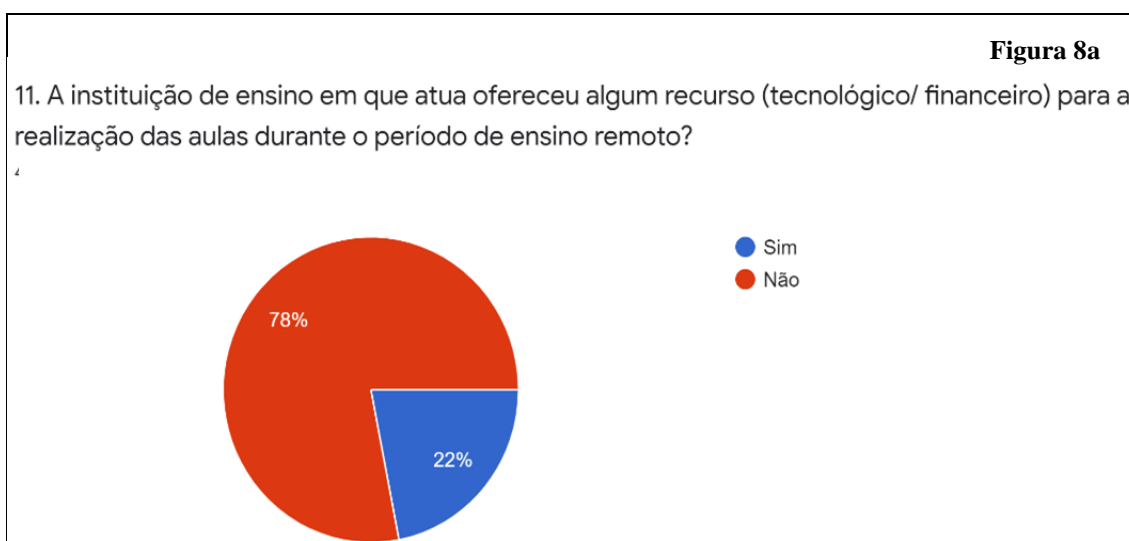


Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

⁶“De modo geral, o *Google for Education* é um espaço voltado para agentes do setor da educação com ferramentas para quem precisa ensinar, aprender e se conectar. Entre os serviços oferecidos estão: *Meet*, Sala de Aula ou *Google Classroom*, *Gmail*, *Agenda*, *Drive*, *Documentos*, *Planilhas*, *Apresentações*, entre outros. Ou seja, o *Google for Education* permite que os usuários tenham recursos para gestão, comunicação e organização” (MOVPLAN, 2021, s.p)

Apesar de não ser uma prática recente, o emprego dessas ferramentas tomou grande proporção devido o contexto pandêmico. A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já traz em sua redação que a cultura digital é uma das competências a serem desenvolvidas escola, mas que a ela não se resume somente ao uso de determinada ferramenta, mas de como ela produzirá reflexão para os educandos (BRASIL, 2018).

Também buscou-se refletir a respeito da relação entre a escola e o docente, quanto a oferta de recursos, sejam eles financeiros ou tecnológicos, para que o processo de ensino e aprendizagem se efetivasse e a disponibilidade de formações continuadas, a fim de que os professores pudessem refletir sobre qual a melhor ferramenta pedagógica a ser melhor utilizada com seus educandos. Assim, pelas respostas obtidas, como mostra a figura 8a e 8b, observa-se que a escola frente aos professores pouco influenciou em seu processo de adaptação; 78% afirmaram não ter recebido nenhum recurso e 68,3% nenhum curso de formação para exercer seu trabalho no ERE.



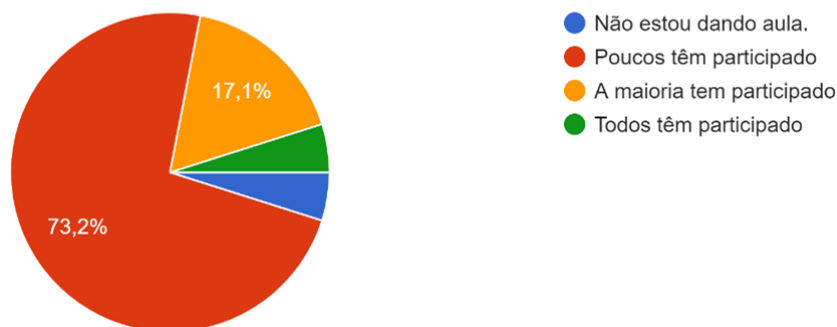


Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Com esses resultados constatamos a solidão vivenciada pelo docente no momento de adaptação ao ensino remoto. Goldbach e Macedo (2007) aponta que os cursos de formação continuada são importantes para que ocorram atualizações constantes no modo de ensinar, bem como no uso de ferramentas digitais modernas. É possível inferir também que a ausência desse apoio, por parte da gestão escolar, acabou provocando um retardamento na continuidade do ano letivo que havia iniciado no período pré-pandemia.

Questionou-se ainda aos professores sobre a participação dos alunos nas atividades escolares, haja vista toda mudança na modalidade de ensino e nos modos de se realizar o processo de ensino e aprendizagem. O que se depreendeu das respostas é que os alunos pouco têm participado das aulas, conforme relatam 73,2% dos respondentes na Figura 9.

14. Como tem sido a participação dos alunos nas atividades escolares?



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

O Instituto Sonho Grande (2020, p.02) afirma que,

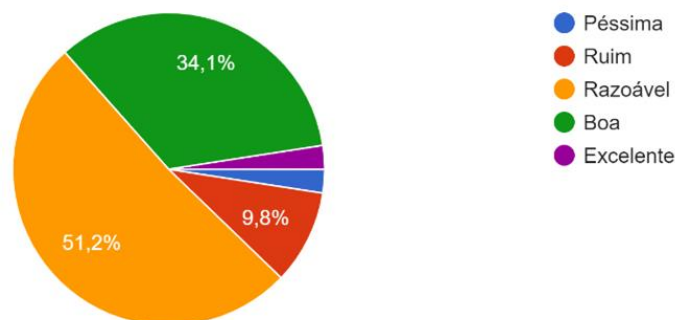
(...) No contexto da pandemia, a falta de interação diária entre os estudantes, amigos e professores pode gerar sentimentos de solidão e abandono entre os jovens. Tal fato, somado às dificuldades de adaptação ao novo modelo de ensino remoto, pode comprometer o engajamento e, em consequência, aumentar o abandono e a evasão escolar.

Resguardadas as diferenças entre a Educação Básica e Superior, encontramos em reflexões do Andes-SN⁷ por mais que os professores elaborem aulas e atividades que busquem motivar seus alunos, fatores como as dificuldades de adaptação, a ausência de equipamentos eletrônicos e de acesso à internet têm contribuído para a baixa participação dos educandos durante e após as aulas (ANDES, 2020).

A pesquisa ainda buscou compreender a situação do professor quanto a sua saúde emocional, já que o momento imposto pela pandemia resultou em mudanças rápidas de rotina e de vivências. Dos entrevistados, 51,2% revelaram apresentar uma saúde emocional razoável, como mostra a Figura 10.

⁷ Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES)

15. Como você avalia sua saúde emocional durante o período da pandemia da Covid-19?



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Por mais que o resultado aponte que a grande maioria dos participantes diga que sua saúde emocional está na medida do “Razoável”, seria algo muito amplo de se mensurar, já que essa situação vai da percepção de cada respondente, mas, de acordo com a ANDES (2020), durante a pandemia da Covid-19, picos de estresse, dores de cabeça, insônia, dores nos membros e alergias, foram os problemas de saúde mais recorrentes entre os profissionais da educação.

Essas doenças que podem estar ligadas a rápida modificação dos modos de vida durante a pandemia, a necessidade de aprender novas estratégias de ensino e aprendizagem para adequar o planejamento, o risco de contaminação, a insegurança em relação ao futuro, a falta de reconhecimento das famílias e gestores, aumento da demanda de trabalho não só da profissão, como também da doméstica, entre outros (ANDES, 2020).

Por fim, buscou-se identificar a expectativa quanto a volta das aulas presenciais. Alguns apontam receio em voltar as aulas sem estarem vacinados, outros afirmam que haverá uma readequação em todo o processo de ensino e aprendizagem, como a implantação do modelo híbrido de ensino.

Professor 2: Infelizmente, ruins. Evasão deve ser alta. Precisaremos retomar muitos conteúdos e, provavelmente, os protocolos serão pouco assimilados

Professor 6: Mesmo sem vacina, as aulas na rede particular estão acontecendo, então minhas expectativas são quanto ao futuro da educação mesmo, acredito que a partir de agora a Educação não será mais totalmente presencial, a metodologia híbrida está ganhando espaço. Acredito que para o âmbito particular isso não será problema,

mas para o público sim, vai ser aí que nossa educação se mostrará mais desigual.

Professor 16: Expectativa que todos tomem a vacina para ficarem imunizados e voltarmos todo mundo juntos novamente.

Professor 25: Espero que se aguarde mais um pouco para este retorno, pois as condições atuais não são favoráveis ao retorno.

Professor 40: Que a escola esteja preparada tanto estruturalmente como emocionalmente para receber os alunos.

Depreende-se dos depoimentos que o retorno das aulas presenciais, mesmo para aqueles que já estão trabalhando de maneira híbrida, ainda é permeado de incertezas, já que somente os protocolos de biossegurança não são suficientes, no entanto a expectativa para volta às salas de aula é otimista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 iniciada em março de 2020 trouxe à sociedade inúmeros desafios, sejam eles de âmbito econômico ou social. Junto a essas mudanças vieram também incertezas quanto ao retorno à normalidade. As medidas de isolamento social, adotadas para diminuir a proliferação do vírus, fizeram com que inúmeras pessoas mudassem seu local de trabalho migrando para a modalidade *home office*. Para os professores, isso não foi diferente.

Instituições, principalmente as de ensino, quase sempre são as primeiras a serem alcançadas por medidas como as que a pandemia impôs, já que elas mantêm em seu espaço um número considerável de indivíduos por um determinado intervalo de tempo. A solução, então, para a continuidade do ano letivo foi a implantação rápida e inesperada do sistema remoto de aulas, para o qual muitos profissionais da educação não estavam preparados. Com isso, este trabalho buscou compreender como se deu a adaptação dos docentes em seu processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia da Covid-19.

Percebeu-se, então, que, apesar das dificuldades enfrentadas, o ensino remoto foi a alternativa que melhor se adequou para o momento, mas não generalizando ao contexto geral da educação brasileira, já que fatores como a escassa utilização das TDIC's em sala de aula, a desigualdade de acesso à internet e a recursos tecnológicos ainda são barreiras encontradas por muitos professores e alunos que não conseguiram se adequar a essa nova realidade.

O estudo também apontou que os professores tiveram pouco acesso à tecnologias durante sua formação inicial e durante cursos de formação continuada, o que poderia vir

a facilitar sua adaptação ao sistema remoto, evidenciando fragilidades e limitações da Educação Básica brasileira frente ao inesperado.

Assim, os professores adaptaram seus modos de ensinar mesclando com o que pensavam ser viável e teria melhor adesão por parte de seus alunos. Assim, planejaram suas aulas para utilizar aplicativos como *Whatsapp*, *Google Meet* etc, não negligenciando atividades para os discentes que não tinham acesso aos meios tecnológicos. Se essa alternativa está sendo eficaz ou não, não coube ao estudo adentrar a essa reflexão.

Vale lembrar, ainda, que os professores apresentaram transtornos em sua saúde mental e emocional, dado que precisaram reinventar todo o seu processo de ensino e aprendizagem, na busca para manter os estudantes motivados durante esse momento peculiar. Além disso, há que se considerar a tarefa de conciliar a vida profissional e pessoal, pois a grande maioria dos respondentes desta pesquisa são mulheres que possuem filhos e têm a carga de trabalho acentuada.

Por fim, de acordo com os dados, o objetivo deste trabalho foi respondido, a partir do momento em que os professores conseguiram relatar suas dificuldades e possibilidades com o ensino remoto emergencial. Sabe-se que a reinvenção enquanto profissional é corriqueiro na educação, mas refletir acerca da forma como essas adaptações ocorrem e de como isso afeta os docentes, discentes e suas famílias, ainda mais em contextos como os da pandemia, permite melhor direcionar os caminhos aos quais a Educação Básica brasileira trilhará.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Educação**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 25 abril. 2021.

ANDES. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. **A situação dos professores no Brasil durante a pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/junho/ne-pesquisa-professor-final-1.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Revista de Educação a Distância**, v.7, n.1, p.257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621/575>. Acesso em: 25 abril. 2021.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O ensino remoto emergencial e a educação a distância**. UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 06 fev. 2021

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Estudo exploratório sobre o professor brasileiro: com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf>. Acesso em: 15 jun.2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID 19. Brasília: Diário Oficial da União, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 20 abril. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo de manejo clínico da Covid-19 na Atenção Especializada** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Especializada à Saúde, Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência. – 1. ed. rev. – Brasília : Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/14/Protocolo-de-Manejo-Clinico-para-o-Covid-19.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portal Coronavírus: Covid-19**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em 06. Fev. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino**. Disponível em: <http://idaam.siteworks.com.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%20C3%87%20C3%83O%20A%20UTILIZA%20C3%87%20C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>. Acesso em 25 abril 2021.

DIAS, Érika Simone de Almeida; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A educação e a covid- 19. **Ensaio**: aval. Pol. Públi. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v28n108/1809-4465-ensaio-28-108-0545.pdf>. Acesso em: 04 mai.2021

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Pesquisa**: educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da educação básica. 2020. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>. Acesso em 25 abril. 2021.

GALVÃO, Ana Carolina; SAVIANI, Dermeval. **Educação na pandemia: A falácia do “ensino” remoto**. 2020. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf (andes.org.br). Acesso em: 15 jan. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDBACH, Tânia; MACEDO, Aretusa Goulart Andrade. Olhares e tendências na produção acadêmica nacional envolvendo o ensino de genética e de temáticas afins: contribuições para uma nova “genética escolar”. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências**, 6, Atas. Florianópolis, SC, 2007. Disponível em: Acesso em: 29 jul.2021.

INSTITUTO SONHO GRANDE. Abandono, evasão escolar e covid-19. **Pesquisas em Educação**. Goiás, 2020. Disponível em: <https://www.sonhogrande.org/storage/sonho-grande-pesquisas-em-educacao-abandono-evasao-e-covid-19.pdf>. Acesso em: 29 de jun. 2021.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6ª ed. Papirus Editora, 2013.

LARA, Marina Garcia et al.. **Desafios na prática docente em tempos de pandemia: estudo de caso no estado do mato grosso**. E-book VII CONEDU (Conedu em Casa) - Vol 03... Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 708-722. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/74296>>. Acesso em: 05/06/2022 13:19

LIMA, Emiliana Oliveira De et al.. **O cas natal enquanto espaço de construção identitária do surdo**. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61253>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

OMS/OPAS. Organização Mundial de Saúde/Organização Pan-Americana da Saúde. **OMS afirma que Covid-19 é agora caracterizada como pandemia**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 05 mar.2021.

O que é e como usar o Google for Education: veja como aplicar na instituição. **MOVPLAN soluções educacionais**, 2021. Disponível em: <https://movplan.com.br/blog/o-que-e-e-como-usar-o-google-for-education-veja-como-aplicar-na-instituicao/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

PERANBEL, Daniella; CARVALHO, Patrícia Alves. De repente, aulas remotas! O reinventar-se na profissão docente. In: Revista Latino-Americana de Estudos Científicos. Vol 02, n.07. Espírito Santo: UFES, 202. p. 117-126. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/34842/23187>. Acesso em: 22 jul. 2022

POLENA, Andrea; GOUVEIA, Andréa Barbosa. Perfil do professor: análise histórica. In: **Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação**, 26, Recife, 2013. Anais..., ANPAE, Recife, 2013. Disponível em: https://anpae.org.br/simposio26/2poster/AndreaPolena-Poster_int.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico**. [Recurso Eletrônico]. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.

SANTOS, D. R. dos .; OLIVEIRA, K. F. .; SOARES, Z. C. B. . Challenges faced by teachers in the pandemic and post-pandemic scenario: teachers and the challenges encountered in time of a pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 15, p. e02101523083, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i15.23083. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23083>. Acesso em: 5 jun. 2022.

SILVA, Samara Louise Da Cunha et al.. **A sobrecarga de trabalho de professoras durante o ensino remoto em tempos de pandemia da covid-19: análise a partir da psicologia sócio-histórica**. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80516>>. Acesso em: 05/06/2022 15:06

SOUZA, Ângelo Ricardo, de. O professor da educação básica no Brasil: identidade e trabalho. **Educar em Revista**, Curitiba, n.48, p. 53-74, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/FngnXxdLgh8tdkL4qs93QLS/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 jun.2021.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO: Adaptação de professores/as durante a pandemia da Covid-19.

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia em que se pretende compreender o processo de adaptação ao ensino e aprendizagem dos/as professores e professoras durante a pandemia da Covid-19. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos, sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual. O questionário é anónimo, ou seja, preserva-se a identidade do respondente em todos os momentos da pesquisa. Não existem respostas certas ou erradas. Por isso solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Obrigado pela sua colaboração.

1. Você se considera de que gênero?
 Feminino
 Masculino
 Prefiro não dizer
 Outro: _____

2. Qual seu estado civil:
 Solteiro (a)
 Casado (a)
 União Estável
 Divorciado (a) ou Separado (a)
 Viúvo (a)

3. Você tem filhos?
 Sim
 Não

4. Qual a sua faixa etária?
 20 – 29 anos
 30 – 39 anos
 40 a 49 anos
 50 anos ou mais

5. Qual rede de ensino atua?
 Privada
 Pública
 Privada e Pública

6. Qual nível de ente federado atua?
 Federal
 Estadual
 Municipal

7. Como você avalia sua experiência com o ensino remoto?
 Péssima
 Ruim

- Razoável
 - Bom
 - Excelente
8. Quais dificuldades foram apresentadas durante o período de adaptação ao ensino remoto?
9. Quais as possibilidades de aprendizado surgiram durante o momento de adaptação ao ensino remoto?
10. Quanto as estratégias metodológicas, quais atividades e materiais conseguiram ser trabalhados a distância?
11. A instituição de ensino em que atua ofereceu algum recurso (tecnológico/ financeiro) para a realização das aulas durante o período de ensino remoto?
- Sim
 - Não
12. Foi oferecido algum curso de formação para atuar no ensino remoto?
- Sim
 - Não
13. Foi disponibilizado entrega de materiais impressos aos alunos da rede de ensino em que atua?
- Sim
 - Não
14. Como tem sido a participação dos alunos nas atividades escolares?
- Não estou dando aula
 - Poucos têm participado
 - A maioria têm participado
 - Todos têm participado
15. Como você avalia sua saúde emocional durante o período da pandemia da Covid-19?
- Péssima
 - Ruim
 - Razoável
 - Boa
 - Excelente
16. Qual sua expectativa sobre o retorno das aulas presenciais?